 ISBN: 978-85-87942-61-6

GT 011. Antropologia da Moral e da Ética

Carlos Eduardo Valente Dullo (UFRGS) - Coordenador/a, Roberta Bivar Carneiro Campos (Universidade Federal de Pernambuco) - Coordenador/a A Antropologia se desenvolveu debatendo as regras e normas sociais, os processos de julgamento e atribui??o de responsabilidade, as formas de san??o e puni??o, as prescri?es e proibi?es, bem como os efeitos sociais das transgress?es. A problem?tica da moralidade n?o ?, portanto, estranha para a nossa disciplina. Entretanto, n?o se constituiu, at? recentemente, um campo de pesquisa como o da Moral e da ?tica. Tendo in?cio com o debate sobre a tens?o entre o universalismo moral e o relativismo das moralidades locais, passando pela redefini??o dos conceitos de moral e ?tica sob a ?tica espec?fica da Antropologia, esta agenda te?rico-metodol?gica volta-se principalmente para uma preocupa??o com novos recortes emp?ricos como as figuras exemplares, as conceitua?es de ?liberdade? e ?responsabilidade?, as pr?ticas de cuidado (care), os processos de recupera??o ap?s momentos cr?ticos, as respostas sociais a trag?dias, entre tantos outros recortes que observem seja o evento ordin?rio seja o extraordin?rio momento de quebra ou (re)institui??o da moral - bem como as maneiras pelas quais os processos de mudan?a e de conserva??o se atualizam. Seguindo, portanto, a proposta de Laidlaw, Fassin, Robbins, Keane e Das (entre outros) uma antropologia que se volte para estes fen?menos compor?, necessariamente, uma chave anal?tica transversal ?s mais diversas tem?ticas: religi?o, pol?tica, economia, fam?lia e parentesco, sa?de e bem-estar, natureza e animais, direito, g?nero e sexualidade etc.

Entre igrejas e aplicativos: sobre virtudes e virtualidades entre um grupo de mulheres pentecostais

Autoria: Lorena Mochel Reis

No quadro de disputas e reinvenções no interior do cenário religioso pentecostal brasileiro, o que escapa ao tecido institucional das igrejas tem servido como mais um espaço para a análise das experiências religiosas na cidade. Os arranjos produzidos por lideranças femininas ajudam a compreender algumas destas diferentes formas nas quais vêm se organizando a circulação de pedagogias produzidas e voltadas para mulheres neste contexto, sobretudo no que diz respeito às possibilidades de transformação na centralidade histórica e contextual da autoria religiosa masculina. O presente work busca analisar como noções sobre corpo, gênero e moralidades sexuais circulam entre mulheres que fazem parte de um grupo predominantemente feminino, nomeado como "Mulheres Graciosas" por seus líderes, um casal formado por uma pastora e um pastor que se autodenominam pastores voluntários de uma igreja de grande destaque nacional. É sobretudo através da figura da pastora que categorias como "autoestima" e a ideia de uma sexualidade marital "saudável" configuram pedagogias eróticas e maritais que são acessadas por meio de "campanhas" virtuais periódicas, com o objetivo de aprimorar a intimidade feminina com Deus através de sacrifícios como jejum e oração. Em geral, as fiéis são frequentadoras de diferentes igrejas pentecostais distribuídas pelo país e, de forma concomitante, também acompanham a circulação da pastora, utilizando um grupo de whatsapp homônimo como principal meio de comunicação neste intercâmbio. É principalmente através do aplicativo que elas compartilham pregações diárias via mensagem de áudio e texto, sendo incentivadas a aprender a orar e perder seus medos, vergonhas e inseguranças para interagir através do envio de orações simultâneas às mensagens de áudio e texto da Pastora, principal liderança deste coletivo. Atravessando questões que envolvem sensibilidades éticas (Hirschkind, 2006) relacionadas ao uso coletivizado da tecnologia virtual como importante mediadora entre sagrado e secular, estes fluxos de intimidades religiosas acionam debates metodológicos para mapear moralidades e sociabilidades que trafegam entre online e offline, igrejas e

 ISBN: 978-85-87942-61-6

aplicativos. Faz-se importante, nesse sentido, compreender os modos como o ideal de self virtuoso (Mahmood, 2005) mediados pelas virtualidades em questão produzem significados às experiências pentecostais femininas urbanas. Estas e outras categorias empíricas fundamentais na organização do trânsito entre essas fronteiras apontam para tensões nos debates entre estudos feministas e da religião, sobretudo para refletir sobre afetos e agências que não se incluem nos ideais ocidentais de autonomia e liberdade.

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero , de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA)e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização: **Apoio:** **Organização:**